Globethics Repository



A ausência de Deus na cruz de Jesus [The absence of God in the Jesus' cross]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Kotz, Leandro J.;Maslowski, Adriano A.;L.Wermann, Geandir
Publisher	Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-16 06:19:48
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/234831

A ausência de Deus na cruz de Jesus: da desesperança à esperança

The absence of God in the Jesus' cross: from hopelessness to hope

Leandro J. Kotz

Graduado em Filosofia (IFIBE); graduando em Teologia (URI);
Pós-graduando em Leituras da Bíblia e Mundo Contemporâneo (URI); Bolsista do PIIC-URI.

Adriano A. Maslowski

Graduado em Filosofia (IFIBE); graduando em Teologia (URI);
Pós-graduando em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica (UFFS);
Pós-graduando em Leituras da Bíblia e Mundo Contemporâneo (URI).

Geandir L.Wermann

Graduando em Teologia (URI)

Resumo
O artigo desenvolve a temática do abandono de Deus na cruz de Jesus, inquirindo sobre o sentido teológico mediato do mesmo, à luz dos evangelhos. Esta reflexão estabelece uma conexão entre o abandono apresentado nos Evangelhos Sinóticos e no Evangelho de João, a partir da categoria mediadora, o amor. Na medida em que o raciocínio se desenvolve a categoria mediadora se revela como chave hermenêutica para acessar o(s) sentido(s) teológico(s) do abandono.

Palavras-chave
Trindade. Cruz. Abandono. Amor. Esperança.

Abstract
The article develops the theme of God abandonment on Jesus cross, inquiring about the theological sense mediated by itself, in the light of the Gospels. This reflection establishes a connection between the abandonment presented in the Synoptic Gospels and the Gospel of John, from the mediating category, love. To the extent that the reasoning develops the mediating category is revealed as hermeneutical key to access the theological sense(s) of abandonment.

Keywords
Trinity. Cross. Abandonment. Love. Hope.

Introdução

A consequência imediata da cruz é a orfandade. Uma mescla de sentimentos e experiências cunha esse *telos*. Jesus naufraga em frustração e abandono, com toda carga dolorosa ao somático e a psique que a cruz lhe inflige. A proximidade do Pai com o Filho sofre uma ruptura a partir da pergunta pelo abandono, conforme Marcos e Mateus. O Pai anunciado por Jesus esvanece nessa hora, restando-lhe rejeição. Não só o Pai resigna o Filho, acovardados os seguidores não suportam a humilhação da cruz. Suspeitamos que

essa construção teológica imediata seja proposital, de sorte que, os evangelistas revelam sua especificidade no tocante à temática.

Se se supõe um sentido teológico imediato devemos, então, perguntar pelo mediato. Assim, molda-se o escopo da presente interpretação que consiste em desenvolver a temática do abandono, partindo do imediato até uma compreensão teológica mediata. Esse *hodós* nasce da suspeita razoável, a saber, a dupla polaridade de sentido. A consciência disso permite angariar numa compreensão mais elaborada do ponto de vista teológico, pois se não houvesse consciência da polaridade, então, ficar-se-ia na intuição imediata.

A fim de que possamos seguir nosso objetivo tecemos a problemática: qual a importância de contextualizar a temática (abandono) à luz dos evangelhos? Que implicações o abandono tem? A cruz é um evento trinitário? A morte de cruz é a última palavra do Pai? Essas questões motivadoras são reunidas num problema norteador da investigação, a saber, qual é o sentido teológico da cruz?

Marcos e Mateus abordam a questão do abandono de modo explícito, enquanto que em Lucas e João ela não aparece. Apesar dessa diferença há um ponto de convergência entre ambos, ao qual recorremos para elaboração da hipótese, qual seja, a revelação máxima do amor entre o Pai e Filho se dá na cruz. O amor como chave de leitura para abrir o(s) sentido(s) teológico(s) da cruz. Portanto, conforme o nosso entendimento, a pista que possibilita uma reflexão mediata nasce do aprofundamento entre o amor do Pai com o Filho, e do Filho com o Pai.

Tendo como pressuposto o amor para compreender a cruz, então, situamos nesse horizonte o evangelho de João como referência. Pode-se afirmar que Jo, além de ser o mais trinitário dos evangelhos é o mais teológico. A temática da trindade assume papel decisivo na reflexão. Na tradição hebraica, acreditava-se que o filho aprendia observando o pai. Se isso é verdade, então, Jesus só revela o mandamento do amor, na medida em que, esse amor transluz da trindade. A partir disso, segue a estrutura interna da inquirição, a saber: num primeiro momento situar a questão do abandono (não se trata de fazer exegese, mas situar o problema teológico), em seguida estabelecer uma conexão com o evangelho de João a partir do enfoque trinitário.

"Eloi, Eloi, lamásabactâni?", que quer dizer: "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?" (Mc 15,34b; Mt 27,46b)

Grito[1] que carrega uma potencialidade paradoxal para todos os tempos, e que originou frutos sem sabor e aroma. Justamente para todos os tempos porque não há

[1] Há diversos debates a cerca da perícope (Mc 15, 34b e Mt 27, 46b), alguns defendem que se trata de uma oração a partir do Salmo 22 não de um grito de abandono. Outros como Moltmann argumentam: "e nem se torna mais aceitável esse grito pelo fato de constituir literalmente a introdução do Sl 22, e que, segundo

teologia cristã séria que não passe pela cruz, bem como, uma "fé séria". A cruz é crivo. Adorno, em seu texto intitulado *A atualidade da filosofia* defende que o papel da filosofia é interpretar. O mesmo vale para a teologia, mas não interpretação do óbvio, e sim do periférico, aquilo que passa por despercebido aos olhos. Aos moldes adornianos, deve-se primeiramente esquivar (no entanto, não desconsiderar), da (a) pergunta óbvia intrínseca no grito de Jesus. Levantar suspeita sobre o imediato (abandono), de modo a reunir mais elementos para encontrar um fruto, com o qual, possa-se deleitar, esta é a esperança que o move na inquirição.

Há uma diferença entre a pergunta puramente pelo abandono, e pelo sentido teológico da cruz. A segunda, suprassume a primeira, uma vez que, conserva o momento eidético, a saber, o abandono, porém transcende-a visto que reflete sobre o sentido teológico que esse abandono implica e o sentido teológico da cruz.

O enigma do Deus morto na cruz é malogro daqueles que pretendem angariar num conceito indubitável de Deus. Foi o malogro dos próprios discípulos, como é no caso do Evangelho de Marcos. A pré-compreensão casada com a expectativa de um Messias glorioso vedou, e até mesmo deixou os de "dentro da casa" de coração endurecido[2]. Há um conflito entre essa pré-compreensão e o Deus crucificado[3]. Portanto, esse conflito que necessariamente a teologia teve que assumir.

---

a interpretação judaica, se estende a todo o salmo. Isso, de um lado, porque o salmo termina com a magnífica ação de graças pela salvação das angústias da morte, o que de forma alguma aconteceu no Calvário. De outro lado, é preciso lembrar que os crucificados, após breve espaço de tempo, não tinham mais condições de emitir a voz. Manuscritos mais antigos do Evangelho de S. Marcos exprimem de maneira ainda mais aguda aquele grito de abandono: "Por que me expuseste à idnomínia?" e "Por que me amaldiçoaste?" E a epístola aos Hebreus conserva aquela lembrança do Cristo maltratado, ao observar "que ele *chôris Theou"* – longe de Deus, talvez melhor privo de Deus – "provou por nós todos o sabor da morte" (Hb 2,9). Também não é por acaso que Cristo, nesse brado, pela única vez não se dirige a Deus confiantemente como a "meu Pai", mas chama-o à distância e com um protocolar "meu Deus" MOLTMANN, Jürgen, *Trindade e Reino de Deus:* uma contribuição para a teologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 91.

2 É possível traçar um paralelo no próprio evangelho de Mc, conforme CNBB. "Anteriormente, Jesus tinha ficado triste com a 'dureza de coração' dos fariseus e dos herodianos (3,5). Agora, os próprios discípulos têm o 'coração endurecido' (8,17). Anteriormente 'os de fora' (4,11) não entendiam as parábolas, porque 'tinham olhos e não enxergavam, tinham ouvidos e não escutavam' (4,12). Agora, os próprios discípulos não entendem mais nada, porque 'têm olhos e não enxergam, têm ouvidos e não escutam' (8,18). O 'fermento dos fariseus e de Herodes', a ideologia dominante, tinha tomado conta de tudo e os impedia de enxergar (8,15)" CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Caminhando na estrada de Jesus*: o evangelho de Marcos. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 41-42.

3 O anúncio da cruz soa absurdamente para os discípulos, uma vez que largaram tudo para segui-lo e este expressa que deverá sofrer. Gera-se instabilidade e incompreensão. "'O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar'. Dizia isso abertamente. Pedro, chamando-o de lado, começou a recrimina-lo. Ele, porém, voltando-se e vendo seus discípulos, recriminou a Pedro, dizendo: Arreda-te de mim, Satanás, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens!" (Mc 8,31-33). O sofrimento e a dimensão do serviço não conseguem quebrar a lógica da pré-compreensão de muitos, de modo especial dos discípulos representados por Pedro.

Aproximar-se da árvore que produz o fruto e deixar o fruto falar por si, por meio de seu cheiro e sabor se configura no novo critério para uma compreensão prévia acerca de Deus. Nessa perspectiva, salta um dos sentidos teológicos da esfinge (do Deus morto na cruz, abandonado por si mesmo). Ou seja, põe, por assim dizer em suspenso, a categoria Deus. Com esse evento de fé, a saber, a morte na cruz, as concepções sobre Deus morrem na cruz, isto é, conceito de Deus precisou e precisa ser repensado. Consequentemente, a teologia cristã não pode fugir da cruz. E se foge carece da autocrítica, isto é, de crítica imanente que resulta no desmantelamento de expectativas, que possivelmente se metamorfosearam ao longo da história, mas que não perderam seu caráter originário. Essa tarefa a teologia pode re-apreender com o Mestre, que indaga dois seguidores. "'O que é que vocês estão procurando?' Eles disseram: 'Rabi (que quer dizer Mestre), onde moras?' Jesus respondeu: 'Venham, e vocês verão'" (Jo1,38-39). A pré-compreensão é esvaziada e insuficiente, a exigência é experimentar, que nesse caso só é possível pela convivência. Nesse sentido, Rubem Alves nos ajuda a refletir sobre posições demasiadamente engessadas e ingênuas:

> Há teólogos que se parecem com o galo. Acham que, se não cantarem direito, o sol não nasce: como se Deus fosse afetado por suas palavras. E até estabelecem inquisições para perseguir galos de canto diferente e condenam outros a fechar o bico, sob pena de excomunhões. Claro que fazem isto por se levarem muito a sério e por pensarem que Deus muda de ideia ou muda de ser ao sabor das coisas que nós pensamos e dizemos. O que é, para mim, a manifestação máxima de loucura, delírio maníaco levado ao extremo, este de atribuir onipotência às palavras que dizemos. Teólogos são, frequentemente, galos que discutem qual a partitura certa: que canto cantar para que o sol levante? [...] Eu penso, ao contrário, que não é nada disto. O sol nasce sempre, do mesmo jeito, com galo ou sem galo[4].

Não é a pessoa que se aproxima da árvore e, por conseguinte do fruto, mas o contrário. É a árvore e o fruto que exercem força de atração por meio da sua extraordinária beleza que hipnotiza os sentidos e a razão abrindo o apetite do coração.

O conceito de Deus sofre uma revolução a partir da cruz. A pergunta pelo abandono é intencional e carregada de alto teor explosivo. Pois pode justamente revelar, nos dias hodiernos, a ação da pré-compreensão, pretender que Deus seja aquilo que o conceito diz, assim como, em Mc 15,29-32 e Mt 27,39-44. A concepção sobre Deus, nestes dois casos, está ligada ao poder, à glória e ao triunfo. Novamente, a cruz é o malogro dessas e de semelhantes tentativas. A nova compreensão, melhor, a concepção que é retomada do antigo testamento corresponde ao Deus que ouve o clamor dos oprimidos, vai ao encontro para sofrer junto com os crucificados da história[5], (a título de ilustração,

4 ALVES, Rubem. *Da esperança*. Campinas: Papirus, 1987, p. 15-16.

5 Conforme Sobrino: "Na cruz de Jesus realiza-se o cumprimento da proibição de fazer imagens humanas de Deus e a escatologização cristã de Deus. A transcendência de Deus se reformula nas categorias de

pode-se tomar o livro do Êxodo e de Jó). Um Deus assim, só pode ser amor e, por conseguinte, desprovido de poder. Ora, esse Deus que ama e por isso sofre é Deus anunciado por Jesus. Portanto,

> a consideração teológica da morte de Jesus leva a reformular em primeiro lugar todas as concepções de Deus; e este seria o primeiro efeito da cruz: romper o interesse do homem ao perguntar pela divindade e, indiretamente, ao perguntar por sua realidade de homem. Compreender a Deus no crucificado, abandonado por Deus, exige uma 'revolução no conceito de Deus...' Diante do grito de morte de Jesus para Deus ou a teologia se torna impossível ou se torna possível só como teologia especificamente cristã[6].

Se a verdadeira teologia cristã deve considerar a cruz, então, o Gólgota é possível de entendimento na perspectiva trinitária. Em termos joaninos, pode-se afirmar que, na cruz Jesus revela plenamente o Pai, e o Pai, por sua vez, revela plenamente o Filho. O que parecia ser o fim se torna um novo começo recheado de esperança. Cristo é a esperança do mundo que dá força aos crucificados da história. Logo, a cruz não representa só a morte, mas a identificação de Deus com o sofrimento de Jesus e do mundo. O Espírito que emana da cruz e da ressurreição move a realidade para frente preenchendo o mundo com a presença de Deus, na perspectiva da ressureição.

Portanto, ancora-se num tripé interdependente e retroalimentador, qual seja: o abandono, o sentido e a concepção sobre Deus. O escopo dessa seção consistiu em relacionar as três indagações mostrando que a pergunta e o conceito sobre Deus estão sempre abertos a partir da cruz.

"Tudo está consumado!" E, inclinando a cabeça, entregou o espírito (Jo 19, 30b)

Como acima aludimos, a temática do abandono é uma construção teológica mediata. João, não está preocupado com a questão, mas nele, encontra-se uma centelha hermenêutica, ou seja, uma chave-hermenêutica que possibilita acessar o(s) sentido(s) teológico(s). Por sua vez, essa chave não anula o abandono, apenas se configura numa

poder, sofrimento e amor. [...] A proibição de fazer imagens tem o significado de salvaguardar a autêntica transcendência de Deus, não tanto no sentido de sua inacessibilidade, mas de sua não-manipulabilidade. [...] A cruz radicaliza a intuição da transcendência de Deus em categorias de poder, sofrimento e amor. Na cruz Deus não possui (aparentemente) rosto, ou pelo menos não tem nenhum rosto que possa ser pensado ou idealizado pelo homem" SOBRINO, Jon. *Cristologia:* a partir da América Latina. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983, p. 229-230. Ao passo que se recupera uma compreensão acerca de Deus do Antigo Testamento no Novo, este transcende aquele, pois não apresenta um Deus soberano sobre a história e que possua poder sobre o mal. Essa guinada é operada pela cruz, nela "a relação Deus/poder é vista de modo diferente: Deus não é simplesmente aquele que possui poder, como o definiram as religiões e as filosofias. Seu poder contra o negativo (o mal, a injustiça, a opressão, o pecado e a morte) vê-se impotente na cruz. Deus não aparece como quem tem poder de fora sobre o negativo; na cruz Deus é submerso *dentro* do negativo" (SOBRINO, 1983, p. 231).

6 SOBRINO, 1983, p. 229.

possibilidade de sentido. De acordo com nosso entendimento, trata-se do amor, conforme Jo 13,34; 15,17. Esta perícope possui paralelos em Mateus (19,19; 22,39) e Lucas (Lc 10,26s). No entanto, a especificidade de João em relação aos sinóticos se dá no modo de apresentar Jesus. Nos sinóticos, Jesus é instituído Messias, enquanto que em Jo aparece de modo enfático sua divindade, ou seja, Jesus não é instituído porque já é desde a gênese Filho de Deus[7]. Portanto, nesta seção temos por objetivo fazer uma conexão entre o abandono e o quarto evangelho, a mediação ocorre por meio de uma categoria fundamental da comunicabilidade teológica, a saber, amor reflexo da Trindade. Para tanto, é mister mergulhar na discussão epistemológica, ou seja, do modo como é concebida a Trindade a partir do quarto evangelho.

Em termos trinitários e no Evangelho de Jo, a temática do abandono (aparentemente) fica em segundo plano justamente porque o Pai está no Filho e o Filho está no Pai, desde a gênese[8]. Porém, um dos pressupostos fundantes de Jo são os sinóticos, nos quais Mc e Mt apresentam o abandono (como acima contextualizamos) à luz dos problemas de suas comunidades. Deste modo, a chave hermenêutica se torna razoável.

Jo revela a expressão mais singela de Deus para com a humanidade: "Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único" (Jo 3,16; 1Jo 4,9s). O protagonista da ação é Deus, que mergulha na história movido por amor, enviando e entregando seu Filho, a fim de comunicar vida ao destinatário da ação divina, a saber, o mundo. Cabe lembrar, que o envio do Filho não foi para ser assassinado na cruz. "A cruz é consequência do caminho histórico de Jesus"[9]. Diante da cruz, tanto o Filho como o Pai permanecem fiéis ao projeto. "Deus não enviou o filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele" (Jo 3,17). Disto se infere: a)

> O amor de Deus foi o móvel do envio do Filho e sua finalidade era salvar todo homem; [...] O Messias não traz missão judicial nem exclui ninguém da salvação: no Filho, dom e prova do amor de Deus, brilha unicamente sua glória, seu amor e sua lealdade para com o homem. [...] A salvação é

7 Ver: Jo1,1-18; 10,30; 14,9-11.

8 "Crede-me: eu estou no Pai e o Pai em mim. Crede-o, ao menos por causa dessas obras" (Jo 14,11). Cf.: Mateos e Barreto, "Jesus insiste em sua total sintonia com o Pai, e como último critério, como o fizera com os dirigentes judeus, remete-se às suas obras (10,37-38). Quem considerar a qualidade de suas obras, terá que concluir que elas são de Deus. O último argumento para provar a identidade de sua missão e identificação com o Pai é algo de objetivo. O Deus criador deve estar necessariamente em favor do homem, sua criatura. Se as obras de Jesus são feitas só e exclusivamente em favor do homem é evidente que está identificado com o Pai. Suas exigências, portanto, que correspondem às suas obras, são as exigências do Pai, para o bem do homem. A morte de Jesus, sua entrega a fim de dar vida ao homem demonstrara sua total identificação com o Pai, doador de vida" MATEOS, Juan; BARRETO Juan. *O evangelho de São João*: análise linguística e comentário exegético. 2ª ed. Trad. Alberto Costa. São Paulo: Paulus, 1999, p. 621. (Coleção grande comentário bíblico)

9 SOBRINO, 1983, p. 225.

> destinada à humanidade inteira. Salvar-se é passar da morte à vida definitiva, e isso é possível através de Jesus, o doador do Espírito[10];

b) o plano divino foi levado às últimas consequências, por amor à humanidade, logo, é clarividente que o pólo do poderio é anulado, esvanecendo assim a pré-compreensão.

É mister, considerar um *a priori*, qual seja, Deus se fez humano. Portanto, anterior a cruz está a encarnação. Da encarnação até a cruz se situa a revelação do plano salvífico. Todavia a máxima revelação de amor se dá na cruz, uma vez que ela não é a última palavra de Deus, isto é, a morte é vencida. Ademais, os doze vivenciaram o encontro com o ressuscitado, conforme Jo 20,15-20.26; 21,1.4. "Portanto, a espiritualidade cristã não pode reduzir-se à mística da cruz, mas consiste no seguimento do caminho de Jesus"[11].

> A espiritualidade da cruz não é simplesmente a aceitação da tristeza, da dor; não é passividade e resignação. [...] Anterior à cruz é a encarnação situada. Por isso a espiritualidade deve consistir numa imitação da atitude de situar-se, mas precisamente diante do pecado que configura a situação. [...] A espiritualidade cristã não é formalmente uma espiritualidade do sofrimento, contudo é especificamente cristão aquilo que surge do seguimento[12].

Considerando isso, é possível fazer uma atualização hermenêutica de Jo 3,16, operando uma analogia entre essa perícope com um espelho. Ou seja, o amor de Deus revelado para a humanidade deve ser imagem da convivência (diametralmente antitética a mera coexistência), isto é, conduzir à humanidade ao amor ativo. "Se Deus assim nos amou, devemos, nós também, amar-nos uns aos outros. Ninguém jamais contemplou a Deus. Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu Amor em nós é realizado" (1Jo 4, 11-12). Nesse sentido, é possível a esperança inquebrantável: "Deus é amor" (1Jo 4, 8b.16b)"[13]. Do seguimento nasce a premissa fundante que conduz (ou ao menos deveria conduzir) a *práxis*, qual seja, amor ativo que necessariamente dirige o olhar para os crucificados da história.

---

10 MATEOS, Juan; BARRETO Juan. 1999, p. 189.

11 SOBRINO, 1983, p. 225.

12 SOBRINO, 1983, p. 226.

13 Para Moltmann, a expressão "Deus é amor" significa: "Deus não ama do mesmo modo como às vezes também pode irar-se. Não, ele é amor. A sua essência é amor. Ele se constitui de amor. E isso aconteceu na cruz. Essa definição somente alcança todo o seu significado quando se procura permanentemente reavivar o caminho que leva a ela, a saber, o abandono de Jesus na cruz, a entrega do Filho pelo Pai, e o amor que tudo faz, tudo concede e tudo sofre pelo homem que se perdeu.Deus é amor, Deus é doação, Deus existe por nós: na cruz. Exprimindo isso trinitariamente: O Pai deixa o Filho imolar-se através do Espírito. O Pai é o amor, que crucifica; o Filho é o amor crucificado; o Espírito Santo é a força invencível da cruz. A cruz está colocada no meio da trindade" (MOLTMANN, 2000, p. 95).

Seguir o caminho do Reino de Deus é viver no amor. "Dou-vos um mandamento novo: que ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros" (Jo 13,34-35). Os seguidores, ou melhor, a comunidade cristã é assinalada com a marca ontológica indelével do amor que erradia da trindade. Por meio dessa marca é possível identificar o DNA (material genético) da comunidade. Jesus demonstrou aos seguidores que sua *práxis* sempre estava em sintonia com o Pai. O novo mandamento é a contraposição da comunidade joanina a judaica, esta tem em seu âmago a *torá*[14].

> Ele se vai, mas eles ficarão (13,1; 17,11). Jesus os constituirá como comunidade, dando-lhes o seu estatuto e sua identidade. Eles, que o reconheceram como Messias (1,41.45.49), saberão agora quais sejam o fundamento e a característica da comunidade messiânica. Dá-lhes o mandamento novo, por oposição à Lei Antiga, sendo a Lei de Moisés substituída pelo mandamento de Jesus. Estabelecer-se-á agora a diferença entre as duas alianças: a do legislador e a do Messias (1,17), a do que fala da terra e a do Esposo-Filho que pronuncia as exigências de Deus (3,29.31.34). A aliança baseada na realidade do amor e da lealdade de Deus não pode ter mais Lei a não ser a do amor, que é ao mesmo tempo o culto que o Pai busca (4,23s) e o Espírito que ele comunica. Se a glória de Deus é amor e lealdade (1,14), não pode ser outra sua exigência aos homens: *um amor que responde ao seu amor* (1,16). Na realidade, a nova lei é o próprio Jesus como sinal levantado que manifesta e expressa o amor de Deus. [...] Jesus o chama de "mandamento" para opô-lo aos da Lei antiga. Na realidade, o amor não é nem pode ser preceito imposto de fora, como também não o é para Jesus. Ele faz o que vê o seu Pai fazer (1,18), o que o Pai lhe ensina (5,19s). Age por sintonia e identificação com o Pai (10,30; 14,10)[15].

Se o amor é a identidade e ao mesmo tempo dele emana o norte da comunidade messiânica, o próprio Filho estabelece um critério para o envio do Outro Paráclito. "Se me amais, observareis meus mandamentos, e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito" (Jo14,15-16). Há uma recíproca nessa perícope, qual seja, se se ama Jesus, necessariamente se cumpre os seus mandamentos. No cumprimento dos mandamentos transluz o amor, ou seja, o móbile de cumprimento dos mandamentos é o amor. Essa é a condição para que Jesus interceda com o Pai (função mediadora) a fim de que este envie o Paráclito. Desta forma, o sentimento de orfandade é suprimindo.

> Nesse dia compreendereis que estou em meu Pai e vós em mim e eu em vós. Quem tem meus mandamentos e os observa é quem me ama; e quem me ama será amado por meu Pai. Eu o amarei e me manifestarei a ele. [...]

[14] No seio da comunidade Joanina da qual brota o quarto evangelho há vários conflitos externos. Mas, o conflito que está no cerne é interno, entre irmãos, a saber, cristianismo versus judaísmo. "Judeus e cristãos eram grupos irmãos; a essa altura, porém, já não conseguiam conviver na mesma família" CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Uma Igreja que acredita*: Evangelho segundo João. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 31). Esse quadro é em poucas palavras o *Sitz in Leben* do evangelho de Jo.

[15] MATEOS; BARRETO, 1999, p. 603.

> Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada (Jo 14,20-22).

Transparece a comunhão de amor trinitária interconexa com cada indivíduo resultando na *práxis*.

> O Espírito, que procede do Pai (15,26) e que Jesus comunica aos discípulos, dá-lhes a conhecer que ele e o Pai são um (10,30), e que eles, por sua vez na comunhão do mesmo Espírito, são um com ele. Jesus está identificado com o Pai, por ter o mesmo Espírito, a mesma plenitude de amor, (1,14); os discípulos estão com Jesus pelo amor a ele, e aos irmãos, que é o Espírito recebido. Assim se verifica a união perfeita da comunidade com o Pai, o seu Deus, através de Jesus (17,21.23). É experiência de unidade e de integração, comunhão de vida entre Deus e o homem. Jesus une Deus com os homens. [...] Os discípulos fazem seus os mandamentos de Jesus e os cumprem. O amor consiste, portanto, em viver os mesmos valores que Jesus e comportar-se como ele. O amor verdadeiro não é somente interior, mas é visível: um dinamismo de transformação e ação (o Espírito)[16].

Na revelação do amor trinitário brota a *práxis* libertadora e não de dominação. Por isso, o Espírito, que é fruto do amor entre o Pai e o Filho, se historiza como Espírito de amor para libertar na história os seus crucificados, sendo assim, esta é a forma histórica do amor. É através do Espírito que se mantém historicamente a presença e o amor trinitário atuante na vivencia. "O seguimento consiste em tornar real, na história, o amor de Deus manifestado na cruz"[17]. Novamente, o amor revelado na cruz, incide diretamente na vivencia social, exigindo um amor ativo e não passivo, um amor que seja caminho de libertação das injustiças e opressões, que gera, portanto, esperança.

> O Filho se nos revela como Filho enquanto seguimos seu caminho; e o Pai se revela como Pai enquanto o seguimento de Jesus é experimentado como caminho que se abre ao avanço da história, ao futuro, mantendo a esperança, apesar do pecado e da injustiça histórica. Daí surge a experiência de que o amor é o último sentido da existência e surge uma esperança inquebrantável, mesmo quando seja contra a esperança, pois surge no sofrimento[18].

A cruz trás consigo diversas interpretações. Uma delas é dada pela desesperança, justamente porque é em Jesus que se tinha a esperança de um Messias glorioso, triunfalista, ou ainda, um rei que libertaria Israel do Jugo imperialista romano. Nesse sentido, a cruz se revela como fracasso.

Herbert Marcuse, filósofo da Escola de Frankfurt expressa no final de seu livro *"O homem Unidimensional"* uma frase célebre de seu colega Benjamim: "Somente em nome dos

16 MATEOS; BARRETO, 1999, p. 629.
17 SOBRINO, 1983, p. 237.
18 SOBRINHO, 1976, p. 237.

desesperançados nos é dada esperança"[19]. Ligando essa premissa condicional com o evento de fé cruz, pode-se inferir que no abandono do Pai (desesperança) salta uma faísca de esperança.

Para Sobrino, "o abandono de Deus na cruz de Jesus é o abandono de Deus, considerado na história da injustiça e da opressão, o clamor de Jesus na cruz e o clamor das vítimas da história não permitem uma fé ingênua em Deus, mas uma fé que vence o mundo (1Jo 5, 4)"[20]. Dessa forma, se é provocado a perceber os abandonos da história, tendo presente que na cruz podemos atingir o ponto culminante do amor.

Como é possível pensar na esperança após o sofrimento da cruz? Se se quiser responder pelo viés psicológico, somático, entre outros, pode-se não ter êxito, ao contrário de uma resposta que inquere sobre o sentido teológico. A esperança "é construída na dialética entre esperança e morte, ou como afirma Paulo, é esperança contra esperança (Rm 4, 18). A esperança cristã não é o otimismo para além da morte, para além da injustiça e da opressão, mas é esperança contra a morte a injustiça e a opressão"[21].

> A esperança vive um dom que, paradoxalmente, se alimenta da cruz de Jesus e do serviço aos crucificados de nosso tempo. Se a cruz de Jesus não termina com a esperança então se experimenta que é precisamente a partir desta cruz que nos foi dado algo que não pode nos ser arrebatado (Rm8, 31-39). A cruz poderia levar ao ceticismo ou desespero, mas a ressurreição nos conduz ao otimismo. A esperança contra esperança é uma terceira via, é esperança contra esperança que surge da ressurreição do crucificado[22].

Deste modo, na cruz de Jesus, deve-se manter a experiência do abandono de Deus, pois na desesperança e no desespero que se revela uma faísca de esperança, isto é, a morte não é, e nem pode ser, a última palavra de Deus doador da vida em Jesus Cristo. Portanto, o amor cristão deve resultar numa nova Criação e num novo Adão a partir da(s) cruz(es). A partir da cruz a realidade de Deus se revela também como abertura real para o mundo.

Considerações finais

A presente inflexão hermenêutica trinitária é fruto cognoscitivo de debates epistemológicos realizados a partir de uma tríade aparentemente inconciliável, Amor/Trindade, Abandono e Evangelho de João. Se considerarmos o pressuposto freudiano de que nada acontece por acaso, então o abandono se insere nessa lógica. Ou seja, apresenta sentido(s) teológico(s) subjacente(s).

19 MARCUSE, Herbert. *O Homem unidimensional.* Trad. Giasone Rebuá. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 235.
20 SOBRINO, 1983, p. 241.
21 SOBRINO, 1983, p. 241.
22 SOBRINO, 1983. p. 242.

Dois pólos se chocam na cruz. A expectativa messiânica (de todos os tempos), que consiste numa concepção divina desvirtuada, é antagônica ao amor que está a serviço. Trata-se de um amor que gera impotência do ponto de vista do poder, mas que invariavelmente gera vida do ponto de vista do serviço.

A interpretação do repúdio pela óptica do amor, além de razoável para a teologia também é imprescindível para a *práxis*. Deste modo, a cruz é premissa fundante e necessária para a teologia cristã. Portanto, a leitura do repúdio pela chave hermenêutica aqui proposta desemboca no desafio de construir uma Nova Criação que dará origens a um Novo Adão, ou conforme João uma Nova Aliança, a partir do Crucificado e dos crucificados.

A instauração do amor como novo critério ontológico (nova marca indelével para os doze e para os cristãos), configura-se na "exigência" para o envio do Paráclito. É através do Espírito que se mantém historicamente viva a presença do amor trinitário atuante na vivência. Assim, "o seguimento consiste em tornar real, na história, o amor de Deus manifestado na cruz"[23].

[Recebido em: março de 2013

Aceito em: agosto de 2013]

[23] SOBRINO, 1983, p. 237.